

## Resenhas

**ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. (2001) *Relevância e contexto: o uso de digressões na língua falada*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP; Fapesp. 252 p.**

*Maria Eulalia Sobral Toscano\**

**R** *elevância e contexto: o uso de digressões na língua falada* é um livro que trata a digressão como uma “estratégia condutora do jogo textual-interativo” (p. 15) cujos efeitos de sentido matizam o discurso, imprimindo-lhe vivacidade e movimento. Observa a conversação como uma atividade lingüística coletiva, e o texto falado como um processo – um em se fazendo em que as necessidades e os interesses dos interactantes determinam-lhe o percurso. Propõe ao leitor uma viagem pelos meandros da construção discursiva, que se inicia no Mundo Antigo e termina no Mundo Contemporâneo, com o propósito de definir o estatuto da digressão ao longo dos tempos, e caracterizá-la como um tipo de movimentação tópica que desempenha funções específicas e concorre para o fazer argumentativo sem descontinuar ou interromper o fluxo conversacional.

Na “Introdução”, Andrade aponta para a necessidade de analisar o texto falado como produto de uma atividade interacional dos indivíduos, de uma feita que sob esse “olhar” se pode explicitar seu modo de organização, descrever as marcas lingüísticas que promovem sua tessitura assim como as estratégias utilizadas pelos interlocutores. Entende ainda que a composição desse texto se efetiva

---

\* Universidade Federal do Pará – UFPA.

por meio de processos cooperativos e colaborativos que realizam expressões dinâmicas de sentido. Fala então de coerência conversacional como um empreendimento conjunto de falantes e ouvintes que pretendem a compreensão. Nesse sentido, a coerência não é responsabilidade de um único interactante e tampouco atributo dos enunciados lingüísticos, mas uma tarefa de produção de sentido realizada por todos os participantes do encontro verbal.

Como tem em vista a organização textual e os esquemas interpretativos que dão coerência ao discurso, Andrade toma como unidade de análise o tópico discursivo, e aborda a digressão como uma estratégia que “sustenta o diálogo” – promove, portanto, a interação – e “tem papéis definidos” (p. 14). Seu objetivo é observar como se processa essa estratégia, quais seus tipos e funções e como ela é sinalizada (marcas lingüísticas indicadoras de sua ocorrência). Para empreender sua investigação, utiliza seis inquéritos do Projeto de Estudos da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP), do tipo D2 – Diálogo entre dois informantes –, e conversações espontâneas.

A pesquisa é desenvolvida sob uma perspectiva textual-interativa e situa-se na confluência dos pressupostos teóricos da Análise da Conversação, da Lingüística Textual, da Teoria Funcional e da Pragmática.

No “Capítulo I”, a autora discute a digressão na retórica antiga – espaço de desvio aceito por uns e negado por outros –, e faz uma incursão histórica com o intuito de deslindar-lhe a origem e o estatuto. Apresenta a exegese de obras de diversos retóricos feita por historiadores, e atesta que não há consenso em relação ao uso da digressão. Inicia esse percurso histórico com a figura de Córax e percorre o discurso de vários oradores, para evidenciar como os retóricos concebiam o discurso e que lugar e função eram destinados à digressão.

Nessa “viagem” através história, Andrade verifica que não há consenso entre as retóricas no que tange ao estatuto da digressão e

tampouco quanto a seu lugar no discurso, porém atesta que a digressão desempenha papel fundamental na condução do jogo argumentativo, atribuindo ao discurso vivacidade e “articulando-o de modo natural e elegante” (p. 45).

No “Capítulo II”, Andrade discute uma vasta literatura sobre as noções de coesão e coerência, para situar as digressões como eventos coerentes legitimados pelo conhecimento partilhado e contexto situacional. Se os interlocutores se entendem é porque eles sabem sobre o que falam, e saber sobre o que se está falando e contribuir de modo relevante e consistente para o tópico discursivo é ser coerente. Nesse sentido, uma mudança de tópico torna-se coerente não em decorrência da relação linear entre os enunciados lingüísticos, mas em decorrência da organização seqüencial do discurso. Dentro dessa linha de raciocínio, os segmentos digressivos, ainda que não estejam diretamente relacionados com os enunciados circundantes (grau de relevância tópica), passam a ter sentido em função da adequação entre ação e conteúdo do enunciado e contexto situacional no qual o discurso emerge (relevância contextual).

Andrade discute a noção de tópico e afirma que o tópico deve ser observado em seu aspecto sintático-semântico e considerado, principalmente, como uma atividade interacional (topicalidade), visto que quando os interactantes agem de forma colaborativa para estabelecer e manter o tópico, eles se preocupam em se fazer entender e em atender a seus desejos de face numa atividade em que entram em jogo fatores de ordem contextual. Discernem-se aí duas noções de tópico relevantes para o estudo da digressão: a que leva em conta aquilo sobre o que se fala, relacionando semanticamente enunciados na seqüencialidade textual, e a que trata do tópico na interdependência entre ações, conteúdos e condições contextuais dentro do curso de uma atividade conversacional.

Digressão é definida em termos de relevância tópica:

os tópicos têm uma série de relevâncias que podem ser detectadas e selecionadas pelos falantes, dando origem a novos tópicos [...] no que se refere à digressão, há um vácuo ou lacuna e não se percebe uma relação imediata com algum elemento básico das relevâncias tópicas, criando-se então uma relevância marginal. (p. 75).

Essas relevâncias marginais, que são alçadas à categoria de tópico, podem ser introduzidas ou não, por marca formal; a volta ao tópico anterior é normalmente sinalizada por meio de repetições que contribuem para a coesão e coerência, favorecendo a compreensão das seqüências discursivas (relação entre padrões sintáticos e padrões interacionais).

Com base nas observações de Dascal e Katriel (1979) acerca de coerência conversacional, de tópico discursivo e de digressão, Andrade aponta para a necessidade de analisar a digressão tendo em vista uma “relação linear e seqüencial de ações” e, sobretudo, um “quadro cognitivo em andamento” (p. 76), numa articulação das propostas da Análise Conversacional Lingüística e da Análise Gramatical Funcionalista ou Discursiva. Discute a classificação tripartida dos tipos de digressão sugerida por Dascal e Katriel, e os critérios que orientam esses autores na interpretação das digressões, quais sejam, sucesso comunicativo e fluência interacional.

Andrade menciona a possibilidade de estabelecer a relação entre formas de digressão e tipos de conversação (a manutenção ou não de um tópico discursivo depende da natureza do evento conversacional e do contexto situacional), assim como a relação entre digressão e regras de polidez (a aplicação das regras de competência pragmática sugeridas por Lakoff (1973) explicariam a frequência e uso das digressões).

A autora analisa os mecanismos de coesão que encadeiam os segmentos textuais e fazem o texto progredir, em particular os que promovem o retorno ao conjunto de relevâncias tópicas suspensas por ocasião da introdução de uma digressão (as repetições e os

marcadores conversacionais *e, mas, então, agora*). Esses elementos coesivos operam nos níveis sintático, semântico e pragmático, tecendo e articulando o texto de maneira coerente. Conclui-se então que, no fluxo da atividade conversacional, as digressões constituem eventos coerentes, produzidos em atenção às exigências de sucesso comunicativo e fluência interacional.

No “Capítulo III”, Andrade argumenta a favor da necessidade de levar em conta o contexto quando se tem em vista a análise de atividades lingüísticas. Faz um levantamento das várias acepções surgidas na literatura lingüística em referência a contexto, e discute as semelhanças e diferenças que a variada terminologia encerra. Nesta incursão, destaca a importância da observância dos entornos, especialmente dos não-verbais, quando da análise de textos orais, posto que “explicar o funcionamento da atividade conversacional é, antes de mais nada, reconstruir seus *entornos*” (p. 117). E elege a visão funcionalista de Halliday e Hasan sobre os fenômenos lingüísticos para dar continuidade à investigação da digressão.

Considerando a interdependência entre texto e contexto, Halliday (1989) distingue campo (o tópico discursivo, no âmbito da Análise da Conversação), teor (relação entre participantes) e modo (canal de comunicação) como categorias determinantes da produção textual. Relacionando essas categorias às metafunções, tem-se, nas palavras de Andrade, que

o tipo de atividade simbólica (campo) determina a gama de significado como conteúdo, a linguagem surge em sua função de observador (ideacional); as relações de papel (teor) determinam a gama de significado como participação, a linguagem instaura-se em sua função intrusa (interpessoal); e o canal retórico (modo) determina a gama de significado como textura, a linguagem investe-se de sua função de pertinência para o *entorno* (textual). (p. 125)

Andrade verifica que as situações lingüísticas nas quais as digressões são produzidas distinguem-se em decorrência dos ele-

mentos que compõem o contexto de situação (campo, teor e modo) e, dessa feita, propõe uma tipologia das digressões, atendo-se à configuração contextual (Hasan, 1989: 55-6) de onde emergem as digressões. Para apreender o significado comunicativo da digressão, a autora relaciona a tipologia que constrói aos diferentes tipos de contexto apresentados por Ibañez (1990).

No “Capítulo IV”, Andrade trata da topicalidade (processo de construção de um tópico) levando em conta a questão da relevância, para referir a digressão como uma focalização de elementos marginais em relação à série de relevâncias tópicas em andamento.

O conceito de relevância é problematizado a partir da crítica que Dascal (1982) dirige a Grice: a relevância é um predicado binário e não monádico, e “só é possível compreender um juízo de relevância se ambos os *relata* relacionados por meio dele são claramente especificados” (p. 110). Importantes, para os propósitos do trabalho de Andrade, são a noção de exigência conversacional e os três níveis de relevância distinguidos por Dascal (*ibid.*, p. 114).

A fim de dar continuidade à reflexão acerca do desenvolvimento do fluxo informacional e da relevância tópica, Andrade faz uma apresentação crítica da teoria da relevância de Sperber e Wilson, destacando-a, a despeito das polêmicas, como um modelo que oferece “um mecanismo dedutivo explícito para dar conta dos processos e estratégias que conduzem desde o significado literal até a interpretação pragmática” (p. 155). Trabalha a questão das inferências e seu mecanismo de produção e relaciona relevância à produção de efeitos contextuais: “uma informação torna-se *relevante* em um contexto se cria efeitos contextuais” (p. 162).

A noção de *frame* é evocada para dar sustentação ao percurso teórico privilegiado, de uma feita que “os *frames* são responsáveis não só pela geração das estruturas textuais como também pelas inferências realizadas durante a geração de tais estruturas” (p. 176). Sob o ponto de vista interacional, *frames* referem-se à per-

cepção das atividades, informações e ações em andamento; emergência de interações verbais e não-verbais e são por elas constituídos e, nelas, negociados. A coerência de um segmento digressivo depende, portanto, da identificação, por parte dos participantes da interação, do *frame* que está sendo acionado.

Para observar a emergência de tópicos digressivos enquanto movimentos coerentes na totalidade do processo interacional, Andrade recorre ao modelo de discurso proposto por Schiffrin (1987), cujo objetivo é dar conta da coerência discursiva, partindo do pressuposto de que falantes e ouvintes sinalizam suas intenções comunicativas por meio de diferentes tipos de pistas de contextualização em uma estrutura integrada de estruturas, sentidos e ações emergentes interacionalmente (Schiffrin, 1987: 22).

Andrade situa a digressão no fluxo da movimentação tópica dado o fato de que, durante a conversação, os participantes acionam e negociam *frames* alterando o tópico discursivo, conseqüentemente, o conjunto de relevâncias em andamento. A autora discute o tipo de relevância instaurado pela digressão sob o viés do conceito de configuração contextual, como forma de melhor observar a manifestação da digressão e relacionar o tipo de mudança tópica a um domínio de relevância.

A coerência dos trechos digressivos se efetiva dentro dos quadros interativos que organizam o discurso, com base nos quais a compreensão se processa – inferências conduzidas por pistas de contextualização que possibilitam focalizar como relevantes certos elementos do entorno e deixar outros no horizonte de percepção dos interlocutores.

No “Capítulo V”, Andrade examina o *corpus* de sua pesquisa com base no arcabouço teórico que deu sustentação a suas posições. Retoma então o discurso de Cícero para evidenciar que a centralização em elementos marginais constitui uma estratégia argumentativa que conduz o auditório pelos meandros da significação, produzindo os efeitos de sentido pretendidos.



A pesquisadora analisa ainda a configuração contextual do inquérito D2 343 do Projeto NURC/SP e apresenta, de forma esquemática, os dois quadros tópicos de que ele é composto, localizando e classificando os trechos digressivos conforme a tipologia proposta no “Capítulo III”. Discute, a partir da relação entre tipo de digressão, domínio de relevância instaurado e função textual exercida por cada tipo de digressão, os efeitos de sentido gerados pelas digressões.

Nas “Considerações finais”, Andrade recupera o percurso que possibilitou investigar a digressão enquanto uma estratégia condutora do jogo textual-interativo, definida como um tipo de movimentação tópica em termos de emergência no contexto situacional de relevâncias marginais ao tópico discursivo em andamento. Destaca que a digressão não descontinua ou interrompe o fluxo conversacional e que os falantes garantem a progressão textual e a articulação entre os tópicos por meio de mecanismos coesivos (repetições e marcadores conversacionais).

A perspectiva adotada (textual-interativa) determinou as escolhas teóricas (categorias que buscaram a precisão na observação da totalidade do fenômeno discursivo) assim como exigiu uma análise e descrição do *corpus* que considerasse o imbricamento entre os componentes lingüístico e interacional.

As referências bibliográficas mostram-se em sintonia com a proposta da pesquisa e encerram grande parte do que de mais pertinente se produziu sobre o assunto.

Sem dúvida, é um trabalho denso, fruto de uma pesquisa séria e consistente que prima pelo rigor teórico e objetividade científica. Fundamenta-se em propostas que estão na ordem do dia e permitem dissecar o objeto de estudo privilegiado com mestria e profundidade.

A obra exige do leitor domínio de determinados tópicos e, justamente por isso, constitui-lhe um desafio. Instaura-se no univer-

so das relevâncias centrais do campo de percepção de todos aqueles que se interessam pela interação verbal e se dedicam à investigação da atividade conversacional, sendo, portando, de leitura obrigatória.

## BIBLIOGRAFIA

- DASCAL, M. Relevância conversacional. In: DASCAL, M. (Org.). (1982) *Fundamentos metodológicos da lingüística*. Campinas: Ed. do Autor. v. IV, p. 105-31.
- DASCAL, M.; KATRIEL, T. Digression: a study in conversational coherence. In: PETÖFI, J. S. (Ed.). (1982) *Text vs. sentence*. Hamburg: Buske. v. 29, p. 76-95.
- HALLIDAY, M. A. K. Part A. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. (1989) *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Series Editor/Oxford, Frances Christie/Oxford University Press.
- HASAN, R. Part B. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. (1989) *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Series Editor/Oxford, Frances Christie/Oxford University Press.
- IBAÑEZ, R. (1990) El contexto del evento verbal. Comunicação apresentada no IX Congresso Internacional da ALFAL, 6 a 10 de agosto, Campinas (SP), mimeo.
- LAKOFF, R. (1973) The logic of politeness, or minding your p's and q's. *Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago, p. 292-305.
- SCHIFFRIN, D. (1987) *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press.